

Cidade e Arte Pública: Novas Dinâmicas, Novos Significados

Sarah Frances Dias^a

Resumo

O espaço urbano, palco da vida colectiva, é atualmente transformado através da arte com o intuito de promover novos níveis de satisfação, integração, re-qualificação e até de re-criação de um novo sentido de comunidade e de espaço criativo. Analisando de forma breve a evolução da arte urbana de modo a clarificar o seu lugar na contemporaneidade, percebe-se que esta tem o potencial de criar diversos sistemas de significados, promovendo um bem estar colectivo e uma integração do ser humano em dimensões culturais, emocionais, poéticas e espirituais. Pretende-se assim, através desta breve análise, reforçar a sensibilização para o uso da arte como ferramenta significativa que dota o espaço urbano (e o ser) de qualidades essenciais, que de outra forma, estariam em falta. Através da análise de múltiplos exemplos, percebe-se como as novas dimensões da arte pública constroem relações entre a arte, o espaço vivido e o ser, definindo-se novos imaginários e novas cidades.

Palavras-Chave

Espaço Urbano, Cidade, Arte, Arte Pública, Significado.

Abstract

Urban space, the stage of collective life, is transformed through art in order to promote new levels of satisfaction, integration, re-qualification and even re-create a new sense of community and creativity with the self. Briefly analysing the evolution of urban art in order to clarify its contemporary place, it is perceived that it has the potential to create diverse systems of significances, promoting a collective well-being and an integration of the being within emotional, cultural and poetical dimensions. The research, thus, aims to reinforce awareness of the use of art as a significant tool that endows urban space with essential qualities that would otherwise be lacking. Through the analysis of multiple examples, one can see how the new dimensions of public art build relationships between the art, the lived space and the self, defining new imaginaries and new cities.

Keywords

Urban Space, City, Art, Public Art, Significance

Introdução

Os novos discursos nos domínios artísticos questionam o modo como a arte e arquitetura podem promover uma maior sensibilização cultural e articular um meio ambiente mais sustentável. Repensando as interações entre o espaço público, a arte, as emoções e os significados que podem advir de uma determinada espacialidade, tem permitido que o espaço público evolua além de um mero espaço de convivência e socialização, no sentido de se tornar um espaço de reflexão e compreensão de valores, sensibilidades e significados. Deste modo, não se pretende definir o estado da arte pública nas cidades contemporâneas, mas sim refletir sobre as suas componentes significan-

tes que contribuem para um bem estar colectivo e individual mais sustentável.

Bem-estar: Sustentabilidade

Vivemos numa época, que como Juhanni Pallasmaa (1996) acentua, provoca a fragmentação dos sentidos em parte devido a uma crescente preocupação com a 'Fig.' que promove apenas o sentido da visão provocando uma " (...) fragmentação e alienação." (Pallasmaa, 1996, p. 26)¹, que conduz a uma dissociação corpórea e a uma redução do uso da imaginação. De modo semelhante, Dillon (1999) relaciona esta característica da contemporaneidade com a cultura dos *mass media* e com a

^a CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura Urbanismo e Design), Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa, LabCor - Laboratório da Cor da FAUL, Lisboa, Portugal. E-mail: sarah.frances.dias@gmail.com

¹ Tradução livre de: " (...) reinforcing a sense of detachment and alienation." (Pallasmaa, 1996, p. 26)

afluência de informação (visual) na cidade. Giller Lipovetsky e Jean Serroy (2014) salientam ainda que a cultura contemporânea é caracterizada pelo capitalismo artístico (a adoção de princípios, sensibilidades e ideias estéticas na cultura de consumo), que confunde o ser relativamente ao que realmente é significativo ou não.

Neste contexto, emerge a necessidade de definir os nossos espaços públicos de modo sustentável, de modo a responder não só às nossas necessidades físicas, mas também à nossa existência psíquica (emocional, intelectual e espiritual), promovendo valores, significados, bem-estar e definindo um sentido de comunidade.

Atualmente, diversos estudos definem o conceito de bem-estar subjetivo como algo fundamental para o crescimento sustentável da humanidade, compreendendo-o como algo resultante tanto de valores cognitivos como de significados emocionais. São exemplos o autor Erik Angner² (2010), que explica que apesar de ser um conceito de difícil definição, sabe-se que inclui tanto julgamentos cognitivos como relações afetivas (relacionado com o prazer e com a criação e compreensão de sentidos de significado). E o autor Zidarsek (2007), que, de igual modo, acentua a importância do foco em valores não materialistas, emocionais e significantes, que promovem um sentido de liberdade pessoal.

Este sentido de bem-estar subjetivo define-se como uma das componentes da sustentabilidade, cujos discursos contemporâneos ultrapassam a sustentabilidade física para incorporar aspectos de sustentabilidade psicológica e subjetiva.

Um dos papéis da arte e da arquitetura é precisamente, o de restabelecer relações essenciais para este bem estar sustentável do ser humano, promovendo uma vivência mais integrada e agindo como um factor determinante deste bem-estar subjetivo.

A Cidade como Palco da Vida

Perceber a cidade como um palco que é significativa para o ser, é compreender que a própria cidade não é uma entidade fixa mas sim um produto vivo e dinâmico, tal como o próprio ser. Daniel Willis (1999), no seu livro *A Cidade Esmeralda*, explica que a cidade é o espaço de possibilidades, um reflexo tanto dos seres que a habitam como das leituras imaginativas que a compõem: a cidade não é apenas um produto dos seus espaços construídos, mas sim, um conjunto de redes invisíveis de significados que resultam das suas vivências. Malcom Miles (2010) de modo semelhante explica, que opondo-se ao conceito de



Imagem 1 - Escultura clássica em Lisboa, Portugal.

Fonte: Figura do autor

cidade ideal (cidade visual com uma forte distinção entre as esferas públicas e privadas), emerge o conceito de cidade real, que permite a espontaneidade da vida e a vivência de experiências multissensoriais. Carlos Almeida Marques (2010) acrescenta ainda um terceiro factor fundamental quando enfatiza que a cidade, sendo produto da natureza humana, deve refletir representações ‘místicas’ e ‘emocionais’ do conhecimento humano. O espaço público é, deste modo, reflexo da era contemporânea: algo aberto, mutável e dinâmico, que é transformado e construído pela própria comunidade. É neste contexto que a arte pública interage e cresce: numa cidade viva que procura novos sistemas de relações e significados.

O lugar da Arte Pública

A cidade transforma-se, e em simultâneo, a sua arte também se transforma.

Compreende-se arte pública como a arte que utiliza o espaço público (à qual se opõe a arte que se localiza em lugares privados como é o caso das galerias). O próprio papel da arte pública tem-se vindo a alterar significativamente, redefinindo-se a sua relação com o espaço urbano e com o ser humano. Tradicionalmente, encomendadas, como forma de celebrar acontecimentos históricos, as esculturas públicas estavam associadas a uma ideia de permanência e de dignificação cultural, predominantemente materializadas em bronze, localizadas numa praça ou noutro local de relevância da cidade. Contudo, a partir dos anos sessenta, a arte pública, acompanhando as expansões artísticas da altura, expandindo-se também numa procura de novos significados, novas materializações e novas dinâmicas.

Enquanto tradicionalmente a arte estava associada a domínios de representação, foi com Arthur

² Define o bem estar colectivo como o resultado da satisfação de três esferas ou domínios: o primeiro sendo ‘estados mentais’, seguindo-se da ‘satisfação de desejos’, e por fim a execução de ‘objectivos-lista’, tradução livre do original: ‘mental-state accounts, preference-satisfaction or desire-fulfilment accounts, and objective-list accounts’ (Angner, 2010, p.2).

³ Tradução livre de: “The embodiment of ideas, or I would say, of meanings is perhaps all we require as a philosophical theory of what art is.” (Danto, 2014, p. 128).

C. Danto, igualmente nos anos sessenta, que se redefiniu um novo entendimento de arte, em resposta à pluralidade conceptual que se manifestava na altura, nomeadamente com as obras de Marcel Duchamp e Andy Warhol. Para Danto (2014) em *What Art is* (2014), a arte é o que encorpora significados. Afirma: “A incorporação de ideias, ou de significados, é talvez tudo o que precisamos para uma teoria filosófica do que é a arte.” (Danto, 2014, p. 128)³. Cynthia Freeland (2015), acentuando e desenvolvendo as ideias de Danto, afirma que atualmente a arte apenas precisa de expressar, manifestar e incorporar mensagens e significados, sendo que a diferença entre a boa arte e a má arte é apenas o significado que estas contêm e se o conseguem transmitir ao observador ou não.

Neste contexto, a arte pública, como explica Pedro de Andrade (2001), passou a ser mais generalista, variando tanto em natureza como em função, promovendo novas ligações entre a indivíduo, a comunidade e o meio ambiente. Um dos exemplos destas novas formas de arte pública é a *‘site-specific art’*, que surgiu nos anos sessenta em oposição ao crescente universalismo cultural, defendendo uma arte inseparável do local onde se insere. Sustém-se uma ligação conceptual e significativa ao local, do qual a obra é indissociável. É de salientar também os movimentos artísticos feministas, também emergentes nos anos sessenta, que pretendiam transformar não só um panorama artístico que era predominantemente masculino e não criava novas interações sociais. Assim, surgem novos diálogos entre a arte e o observador.

Um marco de relevância na transformação do domínio da arte pública foi definido pela obra *Tilted Arc* (1981) de Richard Serra. Uma escultura desenhada especificamente para o sítio, composta por uma parede em aço córtex, com 37 metros de comprimento e 3,7 de altura que atravessa a praça, dividindo-a em dois, com o intuito de promover novas dinâmicas espaciais. Desenhada especificamente em resposta ao local, o artista promove uma ruptura da vivência espacial da praça, re-criando novos diálogos e novas questões significantes existenciais.

Hoje, o termo arte pública pode definir e englobar todo o tipo de intervenções artísticas: performances, instalações efémeras ou ainda projetos virtuais, que utilizam o palco da cidade como parte integrante da criação. Jane Rendell (2006) enfatiza um novo tipo de arte pública através da criação de arte que combina e interage com a arquitetura, criando o que define como *‘a space in between’*. Afirma: “Os artistas valorizam a arquitetura pela sua função social, enquanto os arquitetos valorizam a arte como uma forma



Imagem 2 - Cloud Gate by Anish Kapoor.

Fonte: [<http://www.publicdomainpictures.net/view-image.php?image=198595&picture=chicago-cloud-gate>]: Fig. de domínio público.

de criatividade.” (Rendell, 2006, p.3)⁴, e destas combinações resultam novos significados. Assim, a arte pública continua a se desenvolver em novas e diversas materializações, explorando novos meios de comunicação, questionando a sua própria essência e o seu próprio lugar na cidade.

Deste modo, a arte pública manifesta-se como uma ferramenta fundamental para o bem-estar colectivo, pois é a arte que pode ser utilizada como uma ferramenta que satisfaz múltiplos propósitos e que pode ser acionada em qualquer espaço da cidade, requalificando-o, regenerando-o, promovendo novas interações sociais, encorajando novos desenvolvimentos económicos e novas formas de existência mais sustentáveis.

Exemplos contemporâneos

Através da arte, o espaço público tornou-se uma ferramenta de integração, renovação, associação e potencial ferramenta de unificação cultural. Estabelece-se uma plataforma de comunicação e interação, reconhecem-se valores culturais e promove-se o bem estar colectivo promovendo um futuro mais sustentável. Mas como exatamente? De modo a compreendermos a forma como a arte materializa estas alterações, de seguida analisam-se alguns exemplos.

Um primeiro exemplo deste tipo de intervenções, pode ser encontrado na arte que envolve a comunidade na sua própria criação. É o caso da instalação artística *‘Before I die’* da autoria de Candy Chang (artista americana), implementado primeiro em Nova Orleans e hoje reproduzido em inúmeros países pelo mundo. A instalação, destinada a ser colocada em edifícios abandonados, é composta por

⁴ Tradução livre de: “Artists value architecture for its social functions, whereas architects value art as a way of expressing creativity.” (Rendell, 2006, p.3).

⁵ Como objetivo, ela explica: “É fácil ficar preso no dia-a-dia e esquecer o que realmente importa para você.” (Chang, 2011)

uma placa de ardósia (aproximadamente 10 metros de comprimento) com as palavras *'Before I die'* escritas no topo seguindo-se de uma série de linhas em branco prontas a serem preenchidas ao longo de um determinado tempo pela comunidade. Tentando despertar novos níveis de consciência e sensibilização⁶, a instalação não só promove um sentido de integração entre os participantes, mas também permite uma auto reflexão sobre os desejos, sonhos, e a própria fragilidade da vida. Um outro exemplo pode ser encontrado nos diversos trabalhos do artista JR (fotógrafo e artista francês de identidade desconhecida), cujas intervenções artísticas consistem na impressão de fotografias em grandes dimensões de caras de pessoas que passam por locais urbanos e na colagem destas em fachadas de prédios circundantes, em pavimento, ou em praças, compondo-se assim um 'grande' retrato colectivo da comunidade. Pretende-se promover reflexões sobre identidade, liberdade, e limites humanos. Deste modo, em ambos os exemplos, através da interação da comunidade, desenvolvem-se emoções e pensamentos colectivos, estabelecem-se relações sociais e cria-se um sentido de identidade local (e universal), promovendo um sentido integrado de comunidade dentro de um determinado contexto urbano. Expressam-se valores cognitivos e emocionais, permitindo ao ser humano uma melhor harmonia consigo mesmo.

De modo semelhante, alguma arte pública envolve a participação do usuário, através da mobilização e interação com o objecto artístico, onde o observador precisa de reconstruir e recriar o próprio objecto artístico. É exemplo as escadas projectadas por dRMMM de Rijke Marsh Arquitetos Morgan e Arup para o London Design Festival⁶ (2013), cuja instalação é composta por umas escadas 'infinitas' (inspiradas em Escher), compostas de uma estrutura que permite ser infinitamente reconfigurada, adaptando-se e alterando-se de acordo com o lugar e com os desejos do participante utilizador. Promovendo a interação do público que por elas sobe, contempla e desce, estabelecem-se novas relações entre o rio, o céu, a arquitetura circundante e o ser. Um outro exemplo de referência é a instalação *'A prática da liberdade II'* (2013) na Polónia, do artista Adam Kalinowski, que criou uma caixa de areia de grandes dimensões, com objetos coloridos, encorajando a criação pelo observador, que o completa e define livremente. É ainda exemplo a instalação *Enteractive* (2006) por Electroland, composta por um conjunto de painéis (tipo azulejo) de LED que respondem à presença do visitante, acendendo e desligando conforme o seu passo. Nestes exemplos, valores de jogo, de interação, de informalidade e de liberdade são acentuados, onde o próprio humano constrói o objecto artístico e a cidade.

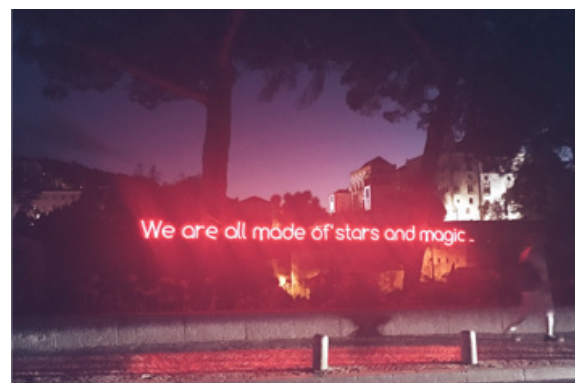


Imagem 3 - Instalação de Candy Chang, *Before I die*.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/infomatique/28925860174/>;

Fig. sem direitos de autor.

Imagem 4 - Instalação de Sarah Frances Dias, no Aura Festival. Sintra, 2016.

Fonte: Figura do autor.

(leitura de cima para baixo)

Outro tipo de arte pública, pretende criar um momento de contemplação (em vez de participação ativa), promovendo uma interação mais profunda e introspectiva. É exemplo o artista Robert Montgomery, que cria instalações com os seus poemas, em luz ou em papel, colocando-os em lugares urbanos degradados ou de movimento (como praças ou ruas). Com temas introspectivos, emocionais e anti-capitalistas, as instalações pretendem criar um momento de contemplação e poesia, tanto no espaço como no observador. Outro exemplo pode ser encontrado no Brasil, na favela Boa Mistura (nos arredores de São Paulo), onde um grupo de cinco artistas através de uma colaboração com os moradores, pintou zonas e ruas sinuosas da favela com cores, sobrepondo as palavras 'beleza', 'firmeza' e 'amor' em diferentes dos seus momentos. O projeto faz parte de uma série de intervenções de arte

⁶ Os Festivais de Arte e Design realizam-se em diversas capitais Europeias, instalações artísticas são espalhadas pela cidade em locais estratégicos, criando-se uma rede integrada de locais e percursos, dos quais são exemplo significativo a Bienal de Veneza e o London Design Festival.

urbana participativa em favelas, pela promoção de valores e significados. Ainda outro exemplar, pode ser anunciado pela instalação artística desenvolvida pela autora, em Sintra para o Aura Festival, em Agosto 2016, cuja frase iluminada pretendia ser um momento de contemplação que acentuasse valores mágicos e poéticos. Este tipo de intervenções poéticas, envolvem o observador a um nível emocional, por um lado enfatizando a reflexão e a contemplação e por outro permitindo o sonho, potencializando assim a imaginação do ser.

É de salientar que este novo tipo de objeto artístico utiliza componentes que permitem uma maior interação física e psicológica com o observador. Física não só pela promoção de uma interação (de um agir) mas também pelo uso de componentes fenomenológicas que despertem os sentidos e apelem à sensibilidade como a luz, a cor, as texturas, os padrões, entre outros. Psicológica pelo significado que incorporam e transmitem. Deste modo, percebe-se que definir a arte pública como ferramenta de transformação da sociedade é identificar esferas de ação que promovem determinados objetivos e espelhem significados específicos.

Salienta-se ainda mais dois exemplos, que pretendem introduzir considerações metafísicas e

cosmológicas ao espaço público. É o caso do Cloud Gate (2004) de Anish Kapoor (Imagem 1), localizado em Chicago. A obra, colocada no centro de uma praça, promove uma interação não só corporal (permitindo e instigando movimentos) mas também psicológica, cognitiva e até espiritual. Os espelhos curvados, refletem o próprio mundo e o ser que o observa de volta a si mesmo, fazendo o observador questionar a sua própria Fig. distorcida e o seu lugar no mundo. A obra, silenciosamente, afirma não só que o 'mundo é um reflexo de nós mesmos', mas que novas formas, existências e dinâmicas podem promover novas questões, compreensões e significados. Desde modo promove-se novos sentidos de consciência.

Outro exemplo que pretende o mesmo tipo de significação, é encontrado nas várias obras de Antony Gormley. Uma das suas obras, composta por dezasseis homens nus de bronze, espalhados pela cidade de Bordeaux (França) em locais emblemáticos da cidade, pretende criar a presença de um elemento estranho que desperte o observador para novos níveis de significação. Entitula-se de *Paysages* (2017), e pretende, através do silêncio e da estabilidade promover um diálogo entre o observador e o espaço que o rodeia; cria-se uma interação (física, emocional e espiritual) que permite a emergência de novos níveis de consciência e significado.

Considerações finais

Através da arte pública comunicam-se valores, questionam-se ideias e retratam-se ideais, tornando o palco da cidade num portal que possibilita um novo bem estar colectivo através da criação de novos significados. Promove-se uma interação complexa entre o objecto artístico, a sua espacialidade, o contexto onde este está inserido e o ser humano que o observa. Definem-se componentes significantes da arte no espaço da cidade, que permitem que o ser, enquanto ocupante do espaço público, seja confrontado com dimensões que lhe remetem para a sua própria interioridade, definindo-se assim um ser humano mais sensível, menos impermeável aos discursos da imaginação, mais integrado e em harmonia consigo mesmo. É assim, recorrendo a interações, a novos discursos e a novas potencialidades, através de elementos poéticos, emocionais, que provocam a ação ou que despertam a contemplação, que a arte pública tem a capacidade de gerar a transformação e de mostrar caminhos mais sustentáveis (fisicamente, psicologicamente e até espiritualmente).



Imagem 5 e 6 - *Paysages*, de Antony Gormley, Bordeaux, França.

Fonte: Figura do autor



Imagem 7 - Fossar de les Moreres memorial em Barcelona, significados espirituais numa chama que nunca se extingue acompanhada de um poema de Frederic Soler

Fonte: Figura do auto

Imagem 8 - Sana, 2013, de Jaume Plensa em Bordeaux, França. Pretende-se promover a consciência pessoal e a introspecção

Fonte: Figura do auto

Referências bibliográficas

- Angner, E. (2010), Subjective well-being. *The Journal of Socio-Economics*. [Online] 39 (3), pp. 361–368.
- Chang, C. (2011), *Before I Die by Candy Chang* [online]. Disponível em <http://candy-chang.com/before-i-die-in-nola/> (consultado em 27 Outubro 2013).
- Danto, A.C. (2014), *What Art Is*, New Haven and London: Yale University Press.
- De Botton, A. (2008), *The architecture of happiness*, Random House Digital, Inc.
- Freeland, C. (2002), *But Is It Art?: An Introduction to Art Theory*, Oxford and New York: Oxford University Press.
- Lipovetsky, G., Serroy, J. (2014), *O Capitalismo Estético na Era da Globalização*, Lisboa: Edições 70.
- Miles, M. et al. (2010), *Arte Pública e Cidadania: novas leituras da cidade criativa*, Casal de Cambra: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas S.A.
- Montgomery, Robert (2016), *Biography* [online]. Disponível em <http://www.robertmontgomery.org/bio/> (Consultado em 07 Janeiro 2017).
- Pallasmaa, J. (2011), *The embodied image: imagination and imagery in architecture*, Chichester: John Wiley & Sons.
- Pallasmaa, J. (1996), *The Eyes of the Skin: The Architecture and the Senses*, London: Academy Editions.
- Rendell, J. (2006), *Art and Architecture: A Place Between*, I.B.Tauris.
- Review, P. A. (2013), *The Practice of Freedom II | Public Art* [online]. Disponível em <http://forecastpublicart.org/public-art-review/current-projects/2013/09/practice-freedom-ii-adam-kalinowski/> (Consultado em 26 Novembro 2013).
- Shaw, N. (2013), *We Don't Just Build Buildings: The Importance of Public Art in London* [online]. Disponível em http://www.huffingtonpost.co.uk/nicola-shaw/london-public-art_b_3549677.html (Consultado em 29 Abril 2014).
- Titus, J. E., Sinacore, A. L. (2013), Art-making and well-being in healthy young adult women. *The Arts in Psychotherapy*. [Online] 40 (1), pp. 29–36.
- Willis, D. (1999), *The Emerald City: And Other Essays on the Architectural Imagination*, New York, N.Y: Princeton Archit.Press.
- Zidanšek, A. (2007), Sustainable development and happiness in nations, *Energy*. [Online] 32 (6), pp. 891–897.